

“A BAHIA BOA DE SE GANHAR DINHEIRO”: DESEJOS DE PROSPERAR NA “CAPITAL DO FEIJÃO”

Marilva Batista Cavalcante

Mestranda em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: marilvabc@yahoo.com.br

Palavras-chave: Migrantes. Desejos. Irecê.

I. Introdução

O trabalho intitulado *Desejos de prosperar na “Capital do Feijão”: memórias de migrantes paraibanos - (1960-1970)* faz parte da pesquisa em curso no Mestrado em História Regional e Local da UNEB e visa discutir, a partir da memória desses migrantes as motivações que estimularam o deslocamento de sujeitos do sertão paraibano para o sertão baiano no período em destaque.

A pesquisa efetivada a partir do diálogo entre diversas fontes históricas revela como as especificidades locais da “Capital do Feijão”/Irecê conduziram os desejos de migração e adaptação de paraibanos na cidade receptora. Os relatos orais dos migrantes para além de discutirem um novo entendimento do processo migratório no Nordeste destacam aspectos da vida cotidiana da cidade e inscrevem considerações sobre a identidade e representações dos atores desse processo.

Pensar a cidade e seus protagonistas incorre considerar esse espaço como lugar praticado, onde tais atores constroem a partir de suas experiências, novas práticas e novos significados (CERTEAU, 1994, p.202).

È considerar a cidade e as relações sociais como interligadas e heterogêneas pois, “a história do indivíduo é aquela que produziu o espaço e que a ele se imbrica, por isso que ela pode ser apropriada” (CARLOS, 1996, p. 24).

Compreender o processo migratório de paraibanos para Irecê nas décadas de 1960 e 1970 requer analisar as condições que fizeram da cidade receptora um pólo de atração. Investigação imbricada na interação entre memória e História que coloque em evidência “a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer claramente que o passado é construído segundo as necessidades do

presente” (FERREIRA, 2002, p. 324). Um estudo que revaloriza o papel e memórias dos sujeitos da cidade.

II. Apresentando Irecê enquanto espaço: um debate sobre a história local

Alguns estudos sobre cidade afirmam que “uma cidade é o maior artefato produzido pelo homem que pode ser apreendido a determinada distância pelo olhar contemplativo” (BARROS, 2007, p. 22). Por esta razão, compreender a cidade é desvendar, a partir dos ruídos da memória social de seus sujeitos as muitas facetas da história local.

Examinar a cidade é estar aberto ao trabalho de “vasculhar” seus signos, analisar hierarquias sociais dos espaços, se sensibilizar com as emoções vivenciadas por seus habitantes, observar suas dinâmicas demográficas e compreender as práticas cotidianas exercidas pelos sujeitos da cidade, como processos paulatinos de reescritas das identidades urbanas.

Essas formas de perceber a cidade instiga perseguir, a partir das memórias dos depoentes, a história da migração de paraibanos na década de 1960 e 1970 e como a construção da identidade agrícola da região estava relacionava-se à esta questão. As memórias aqui expressas têm um papel significativo no registro da história desse processo, pois apresentam fragmentos de um evento real vivido e permite conhecer o cotidiano, o singular, o plural e os contextos dos fatos narrados pelos sujeitos.

Irecê insere-se totalmente a noroeste do semi-árido baiano, fazendo fronteira ao norte com a região do Baixo Médio São Francisco, ao sul com a Chapada Diamantina, a leste com Piemonte da Diamantina e a oeste com a região do Médio São Francisco. Limita-se com os municípios de Gentio do Ouro (ex- Santo Inácio), Xique-Xique e Morro do Chapéu.

No período correspondente ao processo migratório em questão, Irecê compreendia uma área total de 34.689 Km², abarcando os atuais municípios de Ibipecta, Ibititá, América Dourada, João Dourado, Lapão e São Gabriel (SEI¹, 1994, p. 19).

Segundo estudos publicados pela Fundação Centro de Projetos e Estudos da Bahia, o povoamento da região de Irecê teve início no século XIX, atrelado à expansão do território da Chapada Diamantina Setentrional, à descoberta das minas do Assuruá em 1836 e prática da agricultura de subsistência exercida por antigos mineradores, fixados nessa região após o auge da corrida pelo ouro (CPE², 1994, p. 23).

¹ Sigla usada doravante para Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.

² Sigla usada doravante para Fundação Centro de Projetos e Estudos

A irregular distribuição de chuvas, a existência de solos férteis e um lençol freático de considerável importância propiciaram a fixação dos primeiros moradores nesse novo povoamento denominado Caraíbas. Desse núcleo, surgiu Irecê em 1910 sob jurisdição de Morro do Chapéu, conquistando em 1926 sua emancipação.

A partir dos anos 40, Irecê é tomado por uma gradual expansão econômica e demográfica, sendo, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970 a maior expressão desse crescimento. As taxas demográficas referentes a esse contexto sinalizam um crescimento médio anual de 4,1% em contraposição ao verificado no estado da Bahia de 2,39% (SEI, 2000, p. 21).

O crescimento apresentado é resultado da conjunção de fatores naturais, como existência de solos cultiváveis, rico lençol freático, com uma política agrícola de mercado pautada na mecanização das culturas de sequeiro, “triconsorciada de feijão, milho e mamona” (SEI, 2000, p. 21). Pode-se considerar também, os incentivos propostos a partir de 1943 pela Secretaria de Agricultura do Estado, em parceria com a Comissão do Vale do São Francisco – CODEVASF e do Banco do Brasil que projetava Irecê como “a Bahia boa de ganhar dinheiro” (LOPES, 2010, Depoimento).

A condição de transformação de uma área de subsistência em uma área tipicamente comercial, a expansão das áreas cultiváveis e o alargamento dos territórios com o auxílio de equipamentos específicos para essa tarefa contribuíram para fixação dos nascidos na região e geram por sua vez um acentuado processo de atração de migrantes (SEI, 2000, p. 22). Despontava-se a presença de máquinas que deveriam devastar a caatinga, bioma natural da região, aterramento dos solos, a prática da coivara e tantos outros mecanismos possíveis de preparo inadequado ao cultivo, que observado sob perspectiva atual apresenta o início do processual desgaste do solo ireceense: “E hoje é aventura. Logo a aração acaba com as terra, depois é que o povo vão dar fé do que estão fazendo” (FIGUEIREDO, 2010, Depoimento).

Para além da tarefa de preparo do solo e aumento dos terrenos cultivados, o incentivo mencionado era sinalizado pelo “envio de tratores alugados por preços módicos, para a região, orientação técnica aos agricultores, abertura de linhas de crédito para aquisição de outros implementos agrícolas e concessão de créditos para os agricultores locais” (DUARTE, 1964, p. 435-474).

Prova disso foi a evolução do número de tratores e arados mecânicos adotados na região. Entre as décadas de 1950 a 1970, o Censo Agrícola da Bahia registrou um aumento do número 1 trator para 413 e de 18 arados mecânicos para 347 (CPE, 1994, p. 33).

Esse processo de mecanização agrícola na cidade de Irecê proposto pela chegada dos tratores e arados mecânicos com finalidade da paulatina construção da Capital do Feijão possuía muitas vezes destino certo. Essa transformação na agricultura da cidade tinha como destino inicial agricultores com uma extensão de terras consideráveis como descreve o relato do senhor Manoel Figueiredo (2010) que historicamente tem na agricultura sua fonte de sobrevivência:

As vezes tinha o financiamento do banco, aquelas pessoas que tinham uma agricultura maior ia no banco fazia o melhoramento, comprava os maquinários e fazia as lavouras, aí quando eles terminavam de fazer a deles, eles iam fazer as da gente, aí depois agente ia trabalhando, uma forma decente de trabalhar, de animal, de capinadeira agente ia trabalhar, quem tinha o maquinário e quem não tinha ia arrancar muitas roças. Hoje a gente tá numa roça melhor, que quase todo mundo já tem uma maquinazinha né? (FIGUEIREDO, 2010, Depoimento).

Além de apontar o tratamento diferenciado atribuído ao pequeno e médio produtor em contraposição aos que possuíam propriedades extensas, o depoimento sugere pensar que em uma região marcada por períodos específicos de chuvas, o fato de um terreno ser preparado num determinado tempo específico pode culminar em um melhor ou pior aproveitamento das chuvas pela cultura cultivada, e sendo assim, expressar maior ou menor produtividade, em outras palavras enriquecimento ou empobrecimento do lavrador rural.

No cenário nacional, a criação do Sistema de Crédito Rural (SNCR) em 1965, enquanto carro-chefe da modernização do setor agrário, gerou efeitos modernizadores na agricultura, muito embora tais efeitos centralizem o sul do país e a cultura da soja. Nesse contexto, Irecê insere-se como uma particularidade na Bahia (SEI, 2000, p. 22).

Essa especificidade era resultado do programa de apoio a agricultura, proposto pelo município em parceria com o poder estadual e nacional denominado “Operação Irecê”. Um programa que objetivava um acentuado aumento na área colhida de feijão de 9.873 hectares para 38.682 hectares, e do milho de 12.694 hectares para 50.973 hectares reafirmando a expressividade da agricultura para essa região (SEI, 1994, p. 33).

Assim, no decorrer do período estudado, Irecê projetava-se no cenário nacional como o pólo que abastecia o Nordeste e parcela considerável do país, com gêneros agrícolas de primeira necessidade (feijão e milho) e também, produtos para fins industriais como aponta o Sr Gerônimo Figueiredo, mais conhecido como Janduí: “Não só feijão, a mamona também era uma grande safra aqui, quando a gente chegou aqui era um produto de valor” (FIGUEIREDO, 2010, Depoimento).

Nascia a “capital do feijão”. Cidade que embora não apresentasse um índice pluviométrico expressivo comparado a regiões do sul e sudeste do país, destacava por conta da riqueza de seus solos de origem calcária e facilidade de plantio, mediante projetos que assistiam a região, uma acentuada produtividade agrícola. Essa peculiaridade proporcionou o aumento do índice demográfico na região como aponta estudo: “todas essas novas condições convergem para explicar o aumento do fluxo migratório para a região, sobretudo, de outros estados do nordeste” (SEI, 1994, p. 33).

II. Desejos da migração: memórias de paraibanos em Irecê

Nesse cenário agrícola de cidade em incipiente desenvolvimento, com ruas sem pavimentação, comércio por ser implementado, sem uma rede viária estruturada e carente de tantos outros “símbolos” do progresso, resplandece um futuro promissor ao plantio do feijão. É interessante pontuar que a rede viária começa a ser estruturada por volta dos anos sessenta, em virtude da expansão da agricultura comercial e da necessidade de escoamento da produção agrícola regional, passando a atrair população e capital para essa região, projetando a luta pela implementação da “Estrada do Feijão” (SEI, 2000, p. 22).

Paulatinamente estruturou-se em Irecê a migração expressiva de paraibanos, “o primeiro paraibano que veio da Paraíba foi no ano de 45” (FIGUEIREDO, 2010, Depoimento). O censo de 1970 já apontava a existência de 5.000 destes migrantes habitando em áreas agrícolas e urbanas da cidade. Essa questão segundo Lima é, em parte, fruto de a Paraíba ser um estado “Acossado pela periodicidade da seca, seu povo tem sofrido às agruras das grandes estiagens o que historicamente o coloca como um dos estados que mais sofre com as causas do fenômeno migratório” (LIMA, 2007, p. 32).

Dentre as muitas cidades de onde se deslocaram, destacam-se: Carrapateira, São José de Pirranhas, Catolé do Rocha, Souza, Jericó, Livramento, Itaporanga, Santa Helena, Monte Orebe, Patos, São João do Cariri, Cajazeiras, Piancó, Taperoá, Bonito de Santa Fé, Princesa Isabel, Monteiro, Boa Vista, Brejo da Cruz, Serra Grande e Campina Grande. Regiões de um sertão pobre e carente de infraestrutura.

Irecê era a possibilidade para muitos protagonistas desse deslocamento de ascender economicamente e desfrutar de boas colheitas e da fartura não observada em seus locais de origem onde, segundo Sara Oliveira Farias “quase sempre as cidades são instituídas como [...] práticas do trabalho como meio para alcançar o tão sonhado desenvolvimento” (FARIAS,

2009, p. 71). Percepções expressas nas memórias de sujeitos simples do sertão paraibano que ousaram trilhar esse itinerário.

O paraibano é um aventureiro por natureza, quando ele vê que ali ele não vai desenvolver nada, ele já procura ir embora. Irecê naquela época tinha um nome famoso, a migração dos paraibanos pra aqui é muito por causa do feijão, porque você chegava aqui, e se Deus ajudar que você plantasse uma roça, com três meses você pegava um bom dinheiro e já voltava, voltava pra casa como diz a história já aliviado, e isso acontecia com uns, mas com outros não acontecia [...] a Bahia era boa de ganhar dinheiro naquela época, realmente era muito boa, produzia bastante, e então eu resolvi vir pra cá, a Bahia daquela época não era como a Bahia de agora, era muito diferente, hoje você produz pouco, chove pouco, quando eu cheguei aqui eu comecei a trabalhar na roça [...] Hoje é que é ruim você planta e não colhe mais, você planta milho e não tem preço, e naquele tempo o feijão produzia bastante e tinha um preço razoável, esse era o interesse (LOPES, 2010, Depoimento).

Na memória registrada emerge uma consideração sobre a identidade do migrante enquanto sujeito aventureiro, que não se contenta com a condição de vida à qual estavam submetidos, uma condição de miséria, privações e necessidades. Identidade projetada de um sujeito, que tomando “seu destino nas mãos” migra para outro espaço que lhes permita prosperar na agricultura.

As identidades são formuladas na medida em que o sujeito se percebe e se aceita com as práticas, valores, ideais que convive, cria e recria cotidianamente. Acontece que os valores, práticas e formas de apropriação de saberes e espaços alinham sujeito, estrutura e contextos demonstrando um caráter fragmentado e mutável da identidade, pois como aponta Hall (2006):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

Aos olhos do senhor Antônio Lopes (2010, Depoimento), Irecê vai sendo espacialmente desenhado enquanto alternativa de alívio às privações que enfrentava em seu local de origem, “pegar um bom dinheiro”. Uma alternativa de retornar à sua cidade numa condição digna, o que nem sempre se confirmou. Intriga-nos, pois, pensar o que teria levado esses migrantes a deslocarem-se por uma multiplicidade de desejos do sertão da Paraíba para o sertão da Bahia.

Possivelmente uma resposta a essa questão reside no fato de que “em sociedades desses tipo, a vida do agricultor nos pequenos centros urbanos não significa necessariamente a transformação do seu modo de produção e do seu estilo de vida” (DURHAN, 1978, p. 40). Ademais, Irecê emergia para esses migrantes enquanto alternativa de ascensão em uma atividade na qual já se encontravam inseridos, que representa suas raízes, sua infância, suas memórias. Um trabalho que não exigia dos migrantes outras habilidades, se não aquelas que este já possuía: a coragem e vontade de progredir na atividade agrícola, a lida com a terra e com os animais de pequeno e médio porte e a “sociabilidade do homem simples” (MARTINS, 2008, Depoimento).

Nós viemos pra trabalhar na lavoura e no criatório. Nós trabalhava na lavoura e criava um criatório de gado, ai a gente foi se dedicando a lavoura e foi acabando o criatório. Hoje é só lavoura.

Quem trouxe nós pra aqui foi sobre a região que produzia muito. Irecê era falado, Irecê era falado no Brasil todo como a região que mais produzia feijão no Brasil. Irecê produzia muito. Em Irecê você produzia uma tarefa de terra e colhia 18 à 20 sacas de feijão. Se tirava 30, 40 arroba de algodão numa tarefa de terra. Hoje é que acabou, mas naquele tempo nós na Paraíba trabalhava numas terras fraca, cheia de pedra, ai nós veio pra aqui, ai quando chegemo aqui fomo trabalhar nas roças (FIGUEIREDO, 2010, Depoimento).

Para o senhor Manoel Figueiredo (2010, Depoimento), Irecê representava a “lida na roça”, a criação de animais e uma parcial mudança de suas antigas e difíceis condições de trabalho na Paraíba. Era a possibilidade de trabalhar em solos férteis, de obter colheitas expressivas nacionalmente, de prosperar com a atividade que desempenhara durante toda uma vida, o cuidado com a agricultura.

A projeção de Irecê como zona agrícola aparece nos registros orais como elemento propulsor da migração, somado à produtividade da terra expressa nas 18 ou 20 sacas de feijão produzidas em contraposição aos terrenos fracos e pedregosos que anteriormente o sr. Manoel trabalhava na Paraíba. Era uma peculiaridade que na perspectiva do geógrafo Aluizio Duarte do CNG (Conselho Nacional de Geografia), tornava Irecê “uma área agrícola “insulada” no sertão baiano” (DUARTE, 1964, p. 41).

No depoimento do migrante emerge a atual condição de crise agrícola na cidade, marcada por grandes secas que se abateram na região a partir de meados dos anos 80 e início da década de 90. Distúrbios climáticos provenientes, da escassez de chuvas na região, desgaste dos solos compactados por essa mesma mecanização e fim da suspensão das

políticas de crédito agrícola. São lembranças de um tempo que já passou pois como afirma BOSI (1994):

Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1994, p. 55).

Se a grande maioria dos registros orais descreve o processo migratório em questão vinculado ao desenvolvimento agrícola, desvendar a cidade nesse período é considerar que as trajetórias desse deslocamento “prevêm, também, ‘vias múltiplas do futuro’ combinando as particularidades antecedentes ou possíveis, aos processos histórico-culturais” (SANTANA, 1998, p. 36).

Irecê também impulsionou o deslocamento de paraibanos para Irecê, nas décadas de 1960 e 1970, interessados em progredir com a prática do comércio. Uma motivação incorporada a uma cidade que “corria dinheiro”, mas carente de produtos e serviços comerciais.

Pensar a cidade naquele período, era deparar-se com escassos e pequenos postos comerciais. Eram lojas simples, a maior parte dos artigos comercializados eram encontrados na feira, situada defronte da atual sede da prefeitura da cidade. A atividade comercial desenvolvida na feira possuía um caráter itinerante existindo não só no centro da cidade, mas também nos povoados circunvizinhos. Para o Sr. Gerônimo Figueiredo (2010), a ausência de estabelecimentos de maior porte, para a época, colaborava para que seus artigos fossem apreciados pela população local, facilitando a obtenção de lucro:

Ai chegou um tempo que eu queria sair da Paraíba, foi um lugar ou outro, ou era Brasília ou era Irecê. Aí vim pra Irecê fornecer um bocado de alpercata, e passei um bocado de tempo vendendo, era muito bom de negócio, mas faltava mercadoria, era esse negócio de alpercata de menino, de homem, de mulher e tinha também os sapatos fabricados na sapataria de lá, vendia tudo, vinha muita mercadoria de lá pra cá, vinha F4 mil completo de alpercata de lá pra cá e a se botava num depósito e vendia tudo (FIGUEIREDO, 2010, Depoimento).

O depoimento sugere que Irecê era uma cidade “boa pra negócio”. Um mercado que estando ou não diretamente relacionado à compra e venda de cereais e de outros artigos, que abastecessem a crescente população, constituía motivo de atração de muitos paraibanos. Eram pequenos comerciantes que enxergavam a cidade como local de expansão de pequenos

empreendimentos, que talvez por enfrentar ferrenha concorrência ou fraco mercado consumidor na Paraíba, não lhes permitia sucesso.

Eu escolhi Irecê porque eu nunca tive vontade de mudar pra Rio de Janeiro e São Paulo, ficava muito distante, e aqui, eu considerava assim, o capital pequeno onde chegasse trabalhava e lá, isso é diferente (GUIMARAES, 2010, Depoimento).

Outro fator motivacional pertinente à escolha de Sr. José devia-se a quantidade de capital exigido na implementação do negócio representar pequenos riscos. Na fala do depoente era possível montar com poucos recursos, pequenas “bodegas”, espécie de mercado simples, pequeno, onde se vende os mais variados produtos e o trabalho tem caráter familiar. Armazéns que ao longo do tempo e dedicação de seus empreendedores, geraram estabelecimentos de considerável expressão na cidade.

A especificidade do trabalho desempenhado por José Leite no comércio reafirmava o interesse motivador dessa migração, que se remete a considerar o espaço da cidade receptora como “o lugar de eu morar era na Bahia, porque meu ramo era cereais, e lá dá demais”. Um ligeiro olhar pela cidade no contexto atual, especificamente na “Praça do Feijão”, permite inferir que a maior parte dos empreendimentos, caracterizados pela venda de cereais, são dirigidos ou pertencem a paraibanos e pernambucanos imprimindo uma peculiaridade na cultura local.

Para D. Maria Galdino de Souza (2010), filha de comerciante financeiramente estabilizado, proprietário de terra e gado ainda na Paraíba, as motivações da migração em destaque estão fincadas nos conflitos de família corriqueiros, discussões por terra, desavenças por vezes ligadas à vida no campo e ao cotidiano da roça.

Quando nós viemos pra Irecê foi porque lá houve uma confusão entre família tudo por causa de negócio, mas como nessa confusão teve uma desavença com meu avô. É porque as roças dos parentes eram vizinho, aí meu avô criava boi e esse boi entrava na roça e comia o pasto, comia o feijão e aí o vizinho reclamava. Meu avô fazia cerca, botava muito arame, mas o bicho ainda pulou a cerca, furou o arame e passou. Aí meu primo, o cara que trabalhava pra meu primo, veio avisar que se o gado entrasse mais uma vez, ele ia matar o gado. Meu avô falou: não! Você não pode fazer isso! Como é que vai matar o boi? Aí começaram a discutir e meu avô falou : antes de você matar o boi eu mato você. Meu avô falou com ele. [...] Nisso, um dos dois filhos do velho atirou no meu tio e meu tio já revidou. Aí foi na mesma hora cair os dois no chão. Menina! Foi uma briga! [...] (GAUDINO, 2010, Depoimento).

Ao narrar os anseios que conduziram a trajetória do deslocamento vivenciado, Maria Galdino descreve um conflito familiar motivado por honras desfeitas em atitudes corriqueiras, mas interpretada, pela depoente, como expressão suficiente para desencadear práticas violentas naquele contexto, que culminaram na necessidade da migração.

Tal circunstância e necessidade particular justificam a escolha de Irecê como palco dessa migração. A cidade era a possibilidade de afastar-se, momentaneamente, do espaço de conflito, muito embora não signifique dizer que tais “dívidas” provenientes desse desentendimento não tenham, necessariamente, sido solucionadas com o deslocamento desses sujeitos. Há casos em que os conflitos iniciados na Paraíba foram reproduzidos em múltiplas proporções nesse novo espaço, pelos mesmos protagonistas que o criaram.

Nessa altura da entrevista, Maria Galdino (2010) faz questão de mencionar que seu pai revidara as provocações do vizinho de propriedade e devido o conflito culminar na morte do filho do vizinho, seu pai esteve preso por um ano e quatro meses, vindo a fugir tempos depois. Nas lembranças da depoente, esse infeliz evento afastou o seu pai do convívio da família “meu pai ficou um ano e quatro meses preso” obrigando-a muitas vezes, a tomar para si e demais irmãos a responsabilidade dos empreendimentos e o cuidado da lida na roça.

Assim, as histórias dos sujeitos de um espaço comum embora comunguem em alguns aspectos revelam-se heterogêneas. Uma multiplicidade de intenções, desejos, cheiros e sabores variados que impulsionaram a migração em destaque reafirmam a importância da cidade de Irecê no cenário das migrações no Nordeste enquanto pólo que, naquele contexto, atraía paraibanos de muitos locais do sertão e cariri com perspectiva de ascensão econômica e social.

III. Concluindo...

A história narradas nesse trabalho destacam os variados motivos que impulsionaram a migração de paraibanos para Irecê em um contexto de efervescente desenvolvimento agrícola e construção da identidade da cidade receptora como “Capital do Feijão”. Nesse cenário uma multiplicidade de intenções, desejos, cheiros e sabores variados são descritos pelos sujeitos que vivenciaram esse deslocamento. São narrativas de sujeitos vindos, na sua grande maioria, de áreas também agrícolas ou de centros pouco urbanizados a fim de reescreverem suas vidas em um novo espaço.

As tramas dos fios dessa história apresentam considerações sobre dois espaços de vivências: o sertão paraibano - local propulsor dos protagonistas dessa diáspora e Irecê/

capital do feijão, destino destes sujeitos. Aqui, ao passo que são narradas as motivações dessa migração singularidades são desvendadas destes mesmos locais. Especificidades que conduzem percepções múltiplas de identidades e representações dos sujeitos e das cidades

Desse modo, o conjunto de reflexões das memórias dos depoentes indica que a migração descrita foi estimulada, em parte, pela condição de produção da atividade agrícola expressa em Irecê como: os solos férteis; rico lençol freático destinado a pratica do cultivo e políticas de estímulo ao desenvolvimento econômico da região. Imbricado a estes desejos destaca-se, ainda, outros interesses particulares reveladas na história de cada um, a seu modo.

Referência

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

BARROS, José D' Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Lugar no/do mundo*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUARTE, Aluizio Capdeville. Irecê: uma área agrícola “insulada” no sertão baiano. *Revista Brasileira de Geografia*, Ano 25, n. 4, 1964.

DURHAN, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FARIAS, Sara Oliveira. *Enredos e Tramas nas Minas de Ouro de Jacobina*. Recife: Ed. UFPE, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.ppghis.ifcs.ufrj.br/media/topoi5a13.pdf>>.

FUNDAÇÃO CENTRO DE PROJETOS E ESTUDOS - CPE. *Irecê: “um Sistema Urbano” em formação*. Salvador: 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, José Ricardo Bizerra. *Migração campo-cidade: uma análise da espacialidade-temporal do município de São João do Cariri-PB*. 2007. 87 f. Trabalho de conclusão de curso (Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2007.

MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade do Homem Simples: Cotidiano e História na Modernidade Anômala*. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTANA, Charles D' Almeida. *Fatura e Ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950 – 1980*. São Paulo: Annablume, 1998.

SUPERINTENDÊNCIA de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI. *Natureza do ato legal e municípios de origem - Região de Irecê*. Informações Básicas dos Municípios Baianos. Ano de criação dos municípios. 1994.

_____. *Mudanças sociodemográficas recentes: Região de Irecê. Série estudos e Pesquisas*. Salvador, n. 48, 2000.

Depoimentos

FIGUEIREDO, Manoel Esmeraldo Ferreira. Irecê, 2010. Depoimento concedido a Marilva Batista Cavalcante.

GUIMARÃES, José Leite. Irecê, 2010. Depoimento concedido a Marilva Batista Cavalcante.

LOPES, Antônio. 67 anos. Irecê, 2010. Depoimento concedido a Marilva Batista Cavalcante.

SOUZA, Maria Galdino de. Irecê, 2010. Depoimento concedido a Marilva Batista Cavalcante.